

Era Nova

Propriedade da Empresa da «Era Nova»

Comp. e imp. na tip. de F. Marinhe — Barcelos

Redacção e administração:
Campo de S. José, 97

ADMINISTRADOR,

Manoel da Silva Matos

ASSINATURAS:
Trimestre (correio) \$30 — Semestre
\$72 — Ano 1914 — Avulso \$03ANÚNCIOS:
Cada linha \$03 — Repetição \$02

Orgão do Partido Republicano Democrático

Director e Editor — Gonçalo de Araújo

A monarquia em Barcelos

Os novos impostos municipais

ou

A expulsão, do mercado semanal, dos vendedores de retalhos, por imposição dos vereadores, negociantes

Os colectados podem escusar-se ao pagamento dos novos impostos, porque eles não tem o referendun popular. — O povo deve protestar contra semelhante monstruosidade!

E' hoje, em virtude de uma draconiana decisão da monarchissima Camara Municipal de Barcelos, que começa a vigorar a-quele injustificado, inadmissivel e iniquo imposto, estabelecido sem vantagens de nenhuma ordem e especie para as receitas municipais, e só em exclusivo interesse e abõno de meia duzia de negociantes ambiciosos que, já de a longo tempo, viaham premeditando tão escandalosa negociata e a consumação plena de tão impudica immoralidade administrativa, que nos tempos das Camaras Republicanas nunca lhes seria permitido levar ao termo, como agora aconteceu, na gerencia desastrada, incorregivel, desconexa e perdularia da actual edilidade, monarchica por indole, e retrogada por habito e tara degenerativa.

E, ao fazermos tal affirmacão, não exageramos de nenhum modo; não inventamos, exprimimos simplesmente com franqueza rude e sem tegiversações o pensar e o sentir da grande maioria dos municipes do concelho e até o dos proprios a-

nigos e correligionarios los actuais vereadores que, sem recato, criticam acerbamente essa ignobil medida administrativa, posta a vigorar no dia de hoje; essa autentica mestificação que tem despertado nos bens intencionados e que só ambicionam o florescimento do concelho a mais indignada reprovacão e a maior repulsa.

A Camara, sem atender ao momento que é de sacrificios e abnegacões, sem ter ao menos em linha de conta a situação de veras penosa e miseranda das classes pobres e trabalhadoras, que, no presente caso, como em outros de identica origem, são as que sempre suportam as consequencias de taes encargos—como seja o agravamento de impostos—não hesitou um momento em dar cumprimento á petição ignobil, apresentada, em forma de proposta, por uns dos vereadores que tambem é negociante.

E' que a Camara põe acima de tudo o predominio da sua clientela politica, em deterimento e monoscabo dos interesses

municipais, embora, para o manter, tenha de cometer os maiores desvarios e praticar, até se preciso fôr, as maiores afrontas ao povo, que é, afinal, o culpado da presente situação, pois para ela correu grandemente, embora ludibriado.

Mas se é certo que nos comove a situação já precaria e difficil daquelles que são profundamente prejudicados com o agravamento das novas e iniquas colectas municipaes; muito mais nos indigna a forma desigual, injusta e parcialissima por que elas são applicadas e impostas.

E' isto o que se infere claramente do edital mandado distribuir pela Camara.

Quem dele fizer uma rapida leitura, ficará, sem duvida, com esta significativa impressão: — *na Camara, ha negociantes, e esses, foram os autores de tal dilate e semelhante monstruosidade.*

Eles não procuraram atender ao interesse geral e ás melindrosas circunstancias de momento, quer nacionais, quer internacionais.

Eles não quiseram saber se o mercado semanal seria ou não prejudicado fortemente no seu desenvolvimento normal.

Os vereadores—negociantes—tinham um unico objectivo que, nem ao menos por decõro, procuraram furtar á critica severa da opinião publica.

Os vereadores—negociantes—o que ambicionavam, o que queriam e que impuseram ao proprio Presidente da Comissão executiva, só grande para os pequenos e absoluto para os que o detesta, era:

Que os vendedores de retalhos, fossem expulsos do mercado semanal que nesta vila se realisa todas as quintas feiras.

E se bem o impuseram, mais facilmente o conseguiram.

E tal imposto, e tal estado de coisas continuarão existindo, se o povo que só usufrue vantagens com a livre concorrência e que nesta terra tem sido sempre escarnecido e ludibriado, com vilêsa, pelos magnâtes dum regimen de sobõrnos e mentiras, não lhes oposer forte obstaculo, não permitindo que, em plena Republica, os monarchicos, ferozes inimigos das classes humildes e das liberdades publicas, continuem a dispor do poder, por méra culpa daquelles que em tempo competente com tal crápula deviam ter corrido, pois que, os seus processos politicos e governativos se afuudaram para sempre em ondas de lama, na madrugada heroica e libertadora de 5 de outubro.

Tal imposto, só continuará a ser cobrado se o Povo—e quando disemos

Povo, não nos referimos á massa inculta e inconsciente que para ali se submete indecorosamente ao mando discricionario dos poderosos—que por essa rasão não deixam de ser tartufos; mas ao nucleo de homens livres e de cidadãos austeros, consciõs dos seus direitos e das suas obrigações—num acto que para sempre o dignificará, não quiser levantar bem alto o seu protesto vehementemente e pratico contra os que julgaram um dia poder fazer reviver em pleno regimen de liberdade, moralidade e justiça, o triunfo do despotismo, da corracão e da veniãga.

Tal imposto, só continuará a ser cobrado se o Povo,—senhor do seu valor e da sua força, valor que lhe advem da situação que o proprio regimen lhe garante, pois que a Republica é o governo do Povo pelo Povo, e força que lhe resulta da justiça da propria causa que defende—não o anular imediatamente pela sua propria e ostensiva intervenção—o referendun popular—disposiçãõ liberalissima contida no actual Código Administrativo, essa lei emancipadora das regalias municipaes que o Congresso da Republica vetou em horas de patriotismo; não para ser aproveitada por monarchicos que de principio de Liberdade só conhecem a lei do garrotõ; mas para ser executada por republicanos que de tal principio conservam a mais nãida compreensãõ, e de que eles proprios são auzades pioneiros e defensores.

Tal imposto, só continuará a ser cobrado até

As parangónas do sôr presidente...

ao dia em que o Povo assim o queira, e bom é que ele não venha tarde, porque já é bem tempo deste despertar do enorme pesadelo em que tem vivido, para pôr termo a esse ambiente de ludibrio e opressão, que neste concelho tem dominado durante anos inteiros, sem nenhum gesto de revolta ou indignação por parte daquelles que tinham restricta obrigação de o levantar.

E' preciso que todos nos convençamos que tal estado de coisas não pode continuar por nenhuma forma.

E' preciso correr com essa data de ineptos que, com a acquiescencia criminosa de alguns e a boa fé de muitos, se apoderaram das cadeiras do municipio.

Para que mais impostos? Para que contribuir a feira, esse esplendido mercado semanal que é o primeiro do paiz precisamente por ser livre e franco? Para que exigir tão graves sacrificios dos pequenos negociantes, esses desgraçados que merecedam de feira em feira, sujeitos ás maiores contingencias e intempéries da vida, só em exclusivo proveito dos negociantes ricos e poderosos? Qual é o destino dessa receita arrancada sem piedade, ao Povo, já sobrecarregado com avultados impostos? Qual é o melhoramento projectado pela actual Camara que imponha a pratica de semelhante medida administrativa?

Nada! Coisa nenhuma!...

A Camara para impulsar o desenvolvimento do concelho, não precisa de novas receitas, não tem necessidade de aumentar a miseria do Povo com a criação de novos impostos.

Basta que administre com competencia e moralidade as que actualmente existem.

Basta que faça administração e não politica.

Em vez de construir estradas para a casa dos amigos sem utilidade para o interesse publico, basta que distribua o total dos proventos do municipio com ordem e com método, de forma a que todos os serviços municipaes tenham inscritos no orçamento as competentes verbas para fazerem face aos seus respectivos encargos.

Mas é isto o que fez a actual Camara? São estes os seus processos de administração? Não. São outros e bem diferentes, e por assim acontecer é que as receitas lhe fallham, é que arbitrariamente sobrecarrega o Povo com novos impostos.

Já é tempo, pois, de pôr termo a semelhantes processos de administração.

O Povo que diga de sua justiça, porque, antes tarde do que nunca.

O Povo e nomeadamente os negociantes colectados, só pa-

gam as colectas que lhe foram impostas se quizerem, porque estas não foram legalmente sancionadas.

O Povo e os negociantes só pagam os novos impostos se quizerem, porque estes são contrarios aos mais rudimentares principios de equidade. São violentos. São demasiadamente coercivos e pesados.

O Povo paga se quizer, porque, se o não quizer fazer, basta que, conhecedor do seu valor e da sua força, exercendo um alto dever civico, intervindo na gerencia municipal por meio do seu referendum, passe mandado de despejo a todos aqueles que, aproveitando uma hora de luta entre os proprios republicanos, conseguiram com apoio de alguns deles subir pelas escadas que os legitimos representantes do Povo tinham descido com aplauso de todos os homens de bem, sinceros e verdadeiros republicanos.

O povo e negociantes só pagam os novos impostos se assim o quizerem, e... se forem tólos.

VENHA LÁ ISSO!

Pessoa que desconhecemos mas que nos diz que se pronuncia a declinar a sua identidade na devida oportunidade, não designando a data, promete-nos um libelo formidavel e devidamente comprovado com documentos autenticos contra um certo funcionario publico muito em destaque no nosso meio, pois segundo tambem nos garante o futuro acusador, essa personalidade tem logar proeminente na actual politica adversa ás actuais Instituições, o que mais vem agravar a situação do visado pelo prometido libelo.

Temos a firme certeza de que se o desconhecido declinar o nome e apresentar as provas dos factos que diz conhecer, alguns dos quais já confidentialmente por carta nos refere, pois só assim consentiremos a sua colaboração no nosso jornal, donde o anonymato jamais occupará espaço, os barcelenses e o paiz inteiro vão ficar assombrados com tão gracissimas acusações.

O escandalo vai ser tremendo e colossal.

Venha lá isso, pois, e não se poupe o visado que pelo visto, é fera de acto noturno, que precisa de severa reprimenda.

Venha lá isso, em antes que ele... se escape.

Não lhe perdoe nada, mas prove-o.

Venha, venha lá isso!...

Todos estão, por certo, bem recordados daquellas celeberrimas indigestas parangónas que o actual presidente da Camara Municipal para ahimoeu e remoeu no orgão da talassaria indigena cá do burgo, com espanto de todos os papalvos e aplauso unanime da confraria que o adula.

Como viram e lêram, aquilo foi assunto que deu para algumas semanas e, se fizeram pasmarmetade dos habitantes da vila pela audacia das afirmações feitas em tão talassinos arrasoados, tambem deram ensejo a que a outra metade, levando o caso para a galhófa, ri-se a bandeiras despregadas, ao lêr as patasquisimas aréngas eleitorais ditadas á moda antiga pelo mais inepto e desastrado dos politicos que em Barcelos fez pouxada.

Não sabemos qual das metades é que tinha razão; mas, a avaliar pelo que presentemente se passa, não andaremos muito afastados da verdade se afirmarmos que ambas a tinham.

Com effeito, o sôr presidente, essa maravilhosa invenção, producto damatseita politica que em tempos do regimen deposto tão irrisoria se tornou pelos seus gestos de insidiosa não, nas suas referidas parangónas, pretendendo amesquinhar a honesta e activa gerencia da ultima camara republicana, tudo que esta tinha feito achou perverso, atribiliario e ilegal.

E assim é que, o sôr presidente, assegurou numa daquellas suas já bem notorias faufarronices que, ao ele apoderar-se da presidencia da Camara, tudo que a sua antecessora tivesse realizado, seria posto em fanicos. Seria o fim do mundo! Não ficaria pedra sobre pedra! Tudo se arrasaria! Que era certo que os vereadores republicanos não tinham leira nem beira para solverem as gravissimas responsabilidades que tinham contraído no exercicio dos seus cargos, mas isso seria o menos. Ele, senão era milionario, podia sê-lo, e, por isso, as contas estavam pagas...; o que ele prometia era que, quando fosse presidente, como de facto o é, havia de deixar nome em Barcelos, porque a vila seria dotada com agua a jórros, com abertura de novas avenidas, com a construcção de bairros operarios e com muitas outras e *quejanibus preciosidades* a que o saudoso e falecido abade Pais muito acertadamente intitulava: «De borranças progressisteiras» e que tambem ao tempo sua forte critica tiveram nos conciliabulos politicos que se realisavam na farmacia do tambem já falecido e inteligente pharmaceutico Delfino Esteves, e ás quais presidia muito so lenemente o ex-Presidente da Camara dos Deputados sr. Simas Machado, com aplauso dum seu particular amigo de notoria fama e restante *comitiva*. Bons tempos esses...

Mas, balanceando serenamente a obra que o sôr presidente tem feito em cerca de 10 meses de nigromantica gerencia, o que é que ela produziu de pratico, de progressivo e util?

Ora, vejamos com absoluta isenção, para que se não diga que somos faciosos, o que tem sido essa gerencia funesta do sôr presidente:

Prometeu agua a jórros, e, afinal, de agua, os barcelenses vão enchendo os seus depositos com a das... chuva que tem sido felizmente a pótes, como é vulgar ouvir dizer-se á gente do povo, aquelle povo a quem o sôr presidente quer extorquir á viva força os ultimos centavos, com a applicação dos novos impostos.

E' certo que o sôr presidente, já é audacia!—abriu um emprestimo de 23 contos,—**23 contos!!...** que ainda não está coberto nem para isso caminha; mas isso minima importancia tem, porque os actuais vereadores, todos têm leiras e beiras, a começar, como já dissemos, pelo sôr presidente, que deve ser milionario, nem que seja mesmo com o passivo de mil contos...

Prometeu luz electrica, dizendo que a vila, para as Cruzes, seria iluminada por este processo, e, afinal, os barcelenses vão graniando com a derrancada luz de petroleo por sinal nem todas as noites porque, nas que se espera luar, embora sejam escuras como breu, o arrematante da iluminação publica, respeitando a tradição por ordem do seu real mandão, acha o momento proprio para redobrar os seus lucros.

Prometeu novas avenidas, e, afinal, salvo o devido respeito e opinião em contrario, a galgueirada do cemiterio, á falta de melhor galardão, continua sendo a gloria imorredoura do patasquissimo do sôr presidente.

Votou contra a criação de novos impostos a quando da reunião dos quarenta maiores contribuintes, e, afinal, é claro, como não podia deixar de ser, porque isso estava-lhe na logica e nas manhas, o inclito prócere compelle o povo ao pagamento de **novas e pezzadissimas contribuições**, só porque o referido varão se lembrou de satisfazer a ganancia desmedida e insofrida de meia dúzia de negociantes seus correligionarios.

Demitiu os empregados nomeados pela Camara Republicana, mas venho que tinha deitado a neira grossa como sempre ou talvez por imposição do **outro eu**, meteu a viola no sacco e readmitiu-os, e, tanto assim que, hontem, quando fomos á Camara, tivemos o prazer de ahí cumprimentar o nosso mesadissimo amigo, sr. Luiz Fonseca.

Resolveu pagar o calóte ao sr. Virgilio Esteves não lhe pagando os serviços que este tinha prestado á Camara como amanuense interino, e, afinal, engulindo mais uma vez a faufarronada, resolveu pagar-lhe como era da sua obrigação.

Anula o aumento dos ordenados aos empregados administrativos levado a effeito pela ultima Camara Republicana, e, afinal, é claro, passados meses, venho que tinha dado mais uma vez patada de legua e meia,

mandou pedir aos empregados que pedissem o restabelecimento do aumento anulado.

Mandou cobrir os Paços do Concelho a telha de Marselha, porque segundo dizia a Camara Republicana tinha deixado os telhados em ruina, e, afinal,—esta é de chupeta!—as salas do edificio estão completamente detêrioradas porque, depois de tão magoifica reforma, dentro delas, a agua, agora, cae a jórros, sem ser daquela com que o sôr presidente prometeu beneficiar o publico e que estamos certos que nunca virá nem mesmo com ordem de prisão, como aconteceu ao... empreiteiro Miranda...

Anulou a aposentação do amanuense sr. Gonçalo de Barros, e, afinal, é claro, tudo como dantes, virou o bico no prégio, e vendo mais uma vez que tinha dado patada de grosso calibre, aposentou o já aposentado amanuense sr. Gonçalo de Barros.

Demitiu o zelador Miranda, e, é claro, ainda não o readmitiu, mas por certo estamos em afirmar que tal resolução, como de costume, não se fará esperar.

Sobrecarregou o povo com novos impostos, e, é claro, senão veremos quem se engana, tais impostos hão-de dar em droga, como em droga tem dado todas as desmioladas decisões do heroico presidente da monarquissima camara.

Mandou construir um cano de esgôto para beneficiar os predios do seu amigo Visconde da Fervença, e, é claro, como todos sabem, tal cano arruinou os muros que circundam a quinta do seu nobre amigo, a quem sem calcular pregou um tremendissimo canudo.

E, é claro, alem destas **preciosidades**, muitas e muitas outras prometeu e não cumpriu e puzeram em choldra as já refervidas parangónas do sôr presidente, que durante semanas serviram de gaudio á talassaria indigena que, numa inconsciencia digna de nota, applaudia as remoeidas eleiçãoes do mais inepto administrador dos negocios publicos, arvorado em paladino da causa do povo de quem só se aproxima em momentos de perigo para o salvar de entalção certa ou para o sobrecarregar com impostos, como ultimamente aconteceu.

Mas, enfim, é claro, o sôr presidente continuará sendo para a confraria que o adula, o mais competente administrador destas amenas paragens e um póço enorme, profundo e insoudavel de logica e coherencia, enquanto que o tonsurado e serafico director do orgão da talassaria indigena continuará cantando por vielas e esquinas: — **Ora viva o sôr presidente gloria da nossa terra**, o que ao mundo mal algum causará porque este continuará co-

mo até aqui na sua normal rotação.

E, também, é claríssimo, tudo isto caminhará assim até um dia... embora o proprio Busto da Republica, colocado na sala das sessões da camara, apesar de ser de gesso, todas as vezes que o sr. presidente ao seu lado esquerdo, poisa, por milagre da santissima padroeira, ao ver tanta audacia e tanto civismo estre-meça de revolta e nauseas.

Brutalidades

Teofrasto, nos seus famosos *Carateres*, occupa-se do bruto, mas cremos que o faz com uma benignidade excessiva.

Segundo o autor a brutalidade é uma certa aspereza, ouza mesmo dizer, uma especie de ferocidade que se encontra nas maneiras e vae até mesmo a evidenciar-se nas palavras.

Se tropeça n'uma pedra o bruto injuria-a, não atende a quem, não frequenta os templos, não corresponde a quem o sauda, injuria as pessoas de crengas, declara não emprestar dinheiro aos amigos que lh'o pedem, embora algumas vezes lh'o vá depois levar a caça, não se esquecendo porem de afinar que é dinheiro absolutamente perdido.

Só ?

E' preciso nunca ter visto o homem bem trajado e portanto com alguns principios, imprimir um pontapé no gato que se deitou ao sol no degrau de uma porta, acompanhando esse gesto das injurias mais grosseiras, das obscenidades mais soezes, para

pintar o bruto com as cores suaves do quadro de Teofrasto.

De facto, o maior e o mais claro indicio de brutalidade nas pessoas manifesta-se na sua conduta em relação aos animaes.

Um official do exercito inglez, coronel Coulson, em vez de se entusiasmar com a idéa dos *Boy-Scouts*, tão grata a outros officiaes, dedicou-se a propagar a idéa de bem querer e bem tratar os nossos companheiros, amigos e servidores de quatro patas e n'um dos seus muitos artigos a tal respeito, escrevia:

«Dizem-me com muita frequencia ser preciso que eu ame devéras os animaes para que passe o tempo em conferencias pelas escolas de Inglaterra, da Escocia e da Irlanda; a verdade porem é que eu não experimento nenhuma predileção especial por eles.

«O que eu sinto é o horror da brutalidade.

«Ora, os maus tratos cometidos pelo homem contra os animaes são o cumulo da cobardia e da fereza, visto que em regra as victimas não podem nem protestar nem defender-se».

Este bom criterio é seguido por varias pessoas, tidas por piégas e por sentimentalistas em escéssos e que em vez de ser encorajadas e aplaudidas por toda a gente, poucos louvam, e o maior numero troça, injuria e até mesmo despreza como a creaturas indignas de toda a consideração.

As quaes se dão por muito honradas com o afastamento d'esses taes...

Luiz Leitão.

Reportagem semanal

Bombeiros Voluntarios

Como em anos anteriores realizou-se hontem a festa comemorativa de mais um aniversario da fundação da Associação dos Bombeiros Voluntarios desta vila, sem duvida uma das mais importantes e benéficas colectividades da nossa terra, a quem tem prestado os mais nobres e desinteressados serviços.

O programa anunciado foi integralmente cumprido.

Pelas 11 horas, todo o corpo activo, acompanhado da sua magnifica banda, se dirigiu ao templo dos Terceiros a fim de assistir a uma missa como preito de religiosa saudade prestado aos seus colegas e socios falecidos.

De tarde, cerca das catorze horas e meia, teve lugar no salão do edificio, que ostentava uma magnifica decoração, a sessão solene de justissima homenagem ao socio activo daquela altruistica instituição, que foi também, em vida, um cidadão exemplar e um estremo pai, tendo-se imposto á consideração de todos os barcelenses pelas suas altissimas qualidades de espirito e superior intelligencia e que se chamava Antonio Pereira Esteves.

Aberta a sessão e descerrado o retrato do homenageado por entre sentidas e calorosas aclamações da seléta assistencia, usaram da palavra diversos ora-

dores que exaltaram as qualidades e virtudes que o festejado tinha em muito levantado grau; e não era nosso proposito fazer especial referencia a esses discursos se um deles, o do dr. Vieira Ramos, não se salientasse pela forma incorréta, ousada e incivil como foi proferido.

O orador, que foi em tempos que não vão distantes, o mais feroz inimigo dos briosos Bombeiros Voluntarios, mas que agora os adula com revoltante cinismo, pretendendo realçar as formosas qualidades de Antonio Esteves e aproveitando-se da situação e da ausencia daqueles que podiam vergastar-lhe a impudica audacia, vociferou, embora encapotadamente, repisando sempre as mesmas palavras numa eloquencia sória, os mais malevolos improperios contra os mais dilectos amigos do homenageado.

Foi um discurso deveras audacioso e infeliz. As afirmações do orador expelidas com o odio e despeito causaram na assistencia profunda indignação. Era opinião unanime de que naquella casa a politica não tem lugar, demais, dando-se a circumstancia de todos os seus socios terem bem presente esse passado que, por ser bem doloroso e significativo jamais se esquece.

Todos tinham autoridade para engrandecer a obra valiosa e prestantissima da tão simpatica collectividade, mais devida ao

esforço ingente de meia dúzia de homens que o orador procurou feir com as suas extemporaneas insanias e que foram sempre amigos dilectos e extremos de Antonio Esteves, menos ele, que, em dada epoca de que todos estão felizmente bem recordados, lhe moveu, por politica de campanario, a mais cruel e acinosa guerra, procurando á viva força ferir a de morte.

A eleição de Manuel Esteves para comandante do corpo dos Bombeiros foi uma verdadeira tragedia!

Aqueles que livremente queriam votar no seu nome para o desempenho das funcções que hoje ele proficiente mente exerce, tiveram que ir armados até aos dentes. Foi uma verdadeira batalha de vida ou morte em que afinal, ficou vencido aquele que hoje, com impudica audacia, se apresenta a bajulal-o.

Não era nosso intento fazer neste lugar tais referencias, mas a audacia foi grande de mais para que pudéssemos esquecer os insultos que o orador proferia.

Nós somos dos que pertencemos ao numero daqueles que exigem que os homens que em publico fazem afirmações pela pratica dos seus actos na vida publica as não contrariem.

Senão vejamos se o nosso principio é erneo.

Qual é a força moral de que dispõe aquele que insta pela criação de lactarios, albergues, casas de beneficencia e pede amparo e acolhimento para os abandonados e para os pobres, se é ele proprio um dos primeiros a concorrer immoral e criminosamente para que na sociedade existam desses desprotegidos e miseraveis?

Com que autoridade moral, como acontece com o orador a que nos referimos, pode exaltar os meritos e dotes de caracter de qualquer individualidade, aquele proprio de que é o primeiro a nega-los é a deprimi-los?

Com que autoridade moral se referiu o orador á familia de Antonio Esteves, essa familia que ele estremeceia até á loucura, se ele em vez de suavisar a existencia daqueles que por cá deixou ao desamparo, pelo contrario foi o primeiro a roubar-lhes as suas subsistencias, como aconteceu com um dos seus filhos que foi demetido dum lugar aonde os dilectos amigos de seu pae o collocaram desinteressadamente? Nenhuma! E por ser assim é que nós, ao ouvir as incorrectas e audaciosas imprecações do orador a que nos referimos e tendo bem viva a memoria de Antonio Esteves, que, se vivo fosse extremeceria de nojo e de pasmo, nos obrigamos a deixar aqui exarada a nossa justa indignação.

Ao menos que haja respeito pelos mortos, embora o cinismo campeie infrene o e como moralistas e intangíveis se nos queiram impôr aqueles que só tem cometido as maiores immoralidades e as mais audaciosas vilanias.

E' preferível ter poucos amigos, mas bons, leais e sinceros e ser-se homem duma só fé e duma só cara, de que possuir bajuladores a todos os cantos, prontos a esfaquearnos no primeiro momento, (embora o orador sustentasse contraria doutrina), porque ele, infelizmente, em tudo falou menos no que dizia respeito á festa.

Finda a sessão solene realizou-se um exercicio dos bom-

beiros que correu com precisão e brilho, e, á noite, pelas 21 horas, teve lugar o biquete, em que tomaram parte cerca de 60 convivas, decorrendo muito animado, sendo levantados entusiasticos brindes.

Felicitando a illustre direcção de tão prestante colectividade, agradecemos penhorados o convite que nos endereçou para assistirmos á festa que tão brilhantissima correu, pondo de parte, é claro, a nota desagradavel e triste, que acabamos de apreciar.

O nosso jornal

Comunicamos aos nossos prestados assinantes que vamos proceder á cobrança do 1.º trimestre e, para que esta se faça com toda a regularidade, pedimos para que logo que o cobrador lhes entregue os competentes recibos os satisfaçam.

Registo de casamento

Efectuou-se no passado domingo o do sr. Antonio Pereira Martins, conceituado negociante desta praça, com a sr.ª D. Emilia Sanches, desta vila.

A cerimonia civil teve lugar na casa de residencia da noiva.

Aos noivos desejamos um futuro cheio de venturas e felicidades.

Notas falsas

Tendo aparecido notas falsas de 10500 e 20500, imitando grosseiramente as do Banco de Portugal. Previne-se o publico para que, ao receber notas destes tipos, as examinem, a fim de evitar o seu prejuizo, por méro descuido na cobrança, pois que as notas falsificadas, de modo algum podem confundir-se com as notas verdadeiras, tão imperfeitas elas são.

Francisco Silva

Este nosso amigo e dedicado correligionario, 2.º sargento de infantaria 8, pretencente ao 3.º Batalhão aquartelado nesta vila, foi condecorado com medalha de prata da classe de comportamento exemplar, em virtude de ter completado 15 anos de de bom e efectivo serviço.

Os nossos cumprimentos.

A Aguia

Recebemos o 36.º numero desta magnifica revista mensal de literatura, arte, sciencia, filosofia e critica social, propriedade e órgão da Renascença Portuguesa de que são illustres directores os Srs. Teixeira de Pascoais e Antonio Carneiro.

Agradecemos a gentileza.

Falecimento

Na freguesia de Arcosêlo, faleceu a menina Ildia Nunes Pereira, galante nlinha do illustre professor das Escolas Mo-veis João de Deus.

A familia enlutada apresenta-nos os nossos sentidissimos pesames, pois avaliamos a enorme dor que neste momento a compunje fortemente.

Parto difficil

Teve-o na passada segunda-feira a esposa do sr. Manuel Fernandes, fabricante de calçado á rua de D. Antonio Barroso, desta vila, em virtude de uma apresentação de *pelve* que que obrigou a uma melindrossissima intervenção cirurgica, levada a efeito pelo habil e illustre clinico, nosso valioso correlligionario, sr. dr. Miguel Fonseca.

A mãe e o recém-nascido ficaram bem.

Felicitemos o illustre clinico por mais esta prova que deu da sua altissima competencia e proficiencia medica.

Movimento judiciario

Audiência de 5 de Janeiro de 1915

Juiz dr. Arriscado de Lacerda—Escrivão—6.º officio—sr. Baltasar.

Distribuição

2.ª classe civil—6.º officio.—Manoel Joaquim de Sousa, viuvo, desta vila e outros, contra Domingos Alvarenga de Miranda e mulher, de S. Tiago do Couto e outros.

*

6.ª classe—1.º officio—Inventario por obito de Manoel Gonçalves Ribeiro, de Palme.

Pela sociedade

Para o Porto:

Partiu a sr.ª D. Maria Augusta Vieira, aluna distintissima do 2.º ano da Escola Normal.

Para Melgaço:

O sr. Jeronimo Monteiro, digno escrivão de Direito naquella comarca.

Para Lisboa:

Partem hoje o sr. Francisco Filipe dos Santos Caravana, intelligentissimo terceiranista da Escola Politecnica e o sr. José de Bessa Meneses, importante capitalista e proprietario deste concelho.

Para Lamego:

O sr. Coronel Domingos Belles da Costa, illustre comandante da infantaria n.º 9, aquartelado naquella cidade.

Em Viana do Castelo:

Estiveram as ex.ªs sr.ªs D. Maria do Carmo Vilhena, D. Alice de Macedo de Faria Gaio e os srs. D. José Domenech e Manuel Luchadas.

Em Espoende:

Os srs. Tenente Julio Faria, Placido Lamela, sua ex.ª esposa e filhos e Miguel Macedo Gaio.

Nesta vila:

Vimos os srs. Antonio Augusto Finsa de Melo, Escrivão de Direito em Villa Nova d. Famalicão, Antonio Albino M.º de Azevedo, illustre Comissario de Policia da cidade de Braga, Eduardo Martins da Costa Soares, digno Contador em Felgueiras e o sr. Capitão Barbeitos Pinto, genro do sr. dr. Martins Lima, illustre presidente da Comissão do Partido Republicano Democratico.

TYPOGRAPHIA E ENCADERNAÇÃO

DE

FERNANDO MARINHO

Premiado com medalha de prata na Exposição Agrícola e Industrial de Barcellos de 1903

RUA DO INFANTE D. HENRIQUE, 61 A 65 — BARCELLOS

Imprimem-se com a maxima perfeição e rapidez, cartões de visita a 200, 240, 300, 360 e 400 reis o cento, bem como rotulos a cores, circulars, facturas, envelopdes, prospectos de varios formatos e gostos, programmas para festividades, jornaes, etc. Para cartões de visita manda-se mostruario de typos a casa do freguez.

Encaderna-se, com solidez e por preços baratissimos, toda a qualidade de livros desde a encadernação mais simples á mais luxuosa, não havendo n'esta villa competidor n'estes trabalhos. Livros de notas para tabelliães, em branco para commercio, confrarias e juntas de parochia, pastas, carteiras, etc., etc.

O LIVRE PENSAMENTO

A E. de Victoria Pereira

JULGAR DEUS

TA BALHO D'ALTA TRANSCENDENCIA FILOSOFICA

A verdade, a razão e a sciencia esmagando os preconceitos biblicos e os dogmas absurdos das religiões que tem dominado o mundo e entravado o progresso.

A luz illuminando uma era nova, libertando o espirito da mulher e da criança da tutela nefasta dos jesuitas e das congregações religiosas.

Titulos dos capitulos:—Divagando—Onde principia e onde acaba Deus—A preocupação da humanidade—A Biblia, a Historia e a Filosofia—A terra segundo os sabios—Os crimes do Deus Biblico—O diluvio dos hebreus—A Biblia é o livro mais immoral que ha—Julgamento do Deus da Guerra—Eureckal-Jerichó—O Egito historico até ao exodo do povo de Moysés—Filosofando—Filosofando e continuando—Deuses e religiões—Autos de fé, tormentos, morticínios e assassinios em nome do Deus christão—A separação da igreja do Estado.

O livro é dedicado ao eminente homem d'Estado o illustre cidadão Dr. Afonso Costa, e é uma homenagem ao grande propagandista republicano Dr. Magalhães Lima, Grão-Mestre da Maçonaria Portuguesa, á Maçonaria mundial e aos livres pensadores.

Um volume em 8.º brochado e com os retratos dos personagens a quem é dedicado!!

Preço: \$20, custo da edição. — A venda em todas as livrarias — Pedidos de assinaturas, revenda, ou grandes encomendas a Luiz Pereira—Jogo da Bola—Obidos.

A AGUIA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA, ARTE, SCIENCIA FILOSOFIA E CRITICA SOCIAL

Director literario, Dr. Teixeira de Pascoas.—Director artistico, Antonio Carneiro.—Director scientifico, Dr. José de Magalhães.—Secretario da redacção, editor e administrador, Alvaro Pinto.

Correspondentes:—Paris, Philéas Lebesgue.—Salamanca, Miguel de Unamuno.

Propriedade de «A Renascença Portuguesa»

PREÇOS (Pagamento adiantado) Portugal, avulso \$10 Semestre, \$50. Ano, 1\$00.—Africa e India, \$12; \$30 e 1\$20.—Espanha, 60 ct.; 3 pesetas e 6 pesetas. — Estrangeiro, 60 ct.; 3 francos e 6 francos.—Brasil, \$50, \$500 e \$500 (fracos).

PREÇO dos anuncios (por publicação) 1 pagina, na capa 4\$00. Além do texto, 3000. — 1/2 pagina, 2\$20 e 1\$60. — 1/4 e pagina, 1\$2 e \$90

(Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importancia. A cobrança é á custa do assinante.

DEPOSITARIOS—No Porto—Livraria Chardron de Lelo & Irmao, Carnelitas; Em Coimbra, F. França & Armenio Amado; Em Lisboa, Livraria Ferreira, Rua Adua.

Á venda no Brasil nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Pará, Manaus, Pernambuco, Bahia e Santos; na Africa, em Loanda, e Catumbilla e Lourenço Marques; na India, em Nova Goa.

Redacção e administração—R. da Alegria, 218, Porto.

Tipografia—Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27, Porto

Toda a colaboração é solicitada. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario da redacção

ESTÁ Á VENDA

Vinhos vinhas e prados

POR

A. Venancio Pacheco

Preço 600 reis.

NOVIDADE LITERARIA

NUN'ALVARES

e o sr. Dantas

Jonstura d'um «Cardeal diabo»

Resposta historica ás acusações feitas pelo sr. Julio Dantas ao Condestavel D Nuno Alvares Pereira, por AUGUSTO FORJAZ.

Um volume, illustrado, \$20. Em todas as livrarias. Pedidos á Livraria Fern, 70 Rua Nova do Almada, 74—Lisboa.

ACABA DE APARECER

A RODA DE PORTUGAL

por José Agostinho

1 vol. de 470 paginas. Preço br. 50 centavos, ecc. 70.

«A Roda de Portugal» constará de 2 vol. de 470 paginas cada um. Está publicado o 1.º volume que é uma obra encantadora. «O Palmeiro de Janeiro», disse o seguinte:

«A Roda de Portugal» é um livro para artistas e um livro para patriotas, um livro para eruditos e um livro para o povo. A liada terra portugueza, com os seus monumentos e com as suas paisagens, com os seus heroes e com as suas glorias, resplandece em cada pagina com um fulgor desusado entre nós, numa homenagem sobriamente romantizada, em que as personagens, fantasiadas dentro da maior verdade, vão derramando não só noções limpidas e rapidas sobre sciencias naturaes e principalmente sobre os melhores inventos modernos, como sobre hygiene, educação civica, moral, etc.

Ao mesmo tempo, o leitor é empolgado, a cada passo, por brilhantes e enternecidas descrições, e por um estilo, em geral cristalino e simples, embora tambem frequentemente colorido com um vigor de inolvidavel originalidade.

O seu autor pensou-o e sentiu-o de toda a sua alma, como patriota e como artista, conseguindo oferecer nele talvez a sua verdadeira obra prima, e valorizado, como nenhuma, pela mais elevada devoção ao tradi-

PORTUGAL

IMPORTANTE COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade anonima de responsabilidade limitada. — Capital Esc. 1.600:000\$.

Agente em Barcelos:

José Vieira Veloso

NOVO DICCIONARIO

DA

LINGUA PORTUGUESA

Redigido em harmonia com os modernos principios da sciencia da linguagem, e em que se contém quasi o dobro dos vocabulos até agora registados em todos os dictionarios portugueses, além de satisfazer a todas as grafias legitimas, especialmente a que tem sido mais usual e aquela que foi prescripta oficialmente em 1911.

NOVA EDIÇÃO

Essencialmente refundida, corrigida e ampliada com registo de mais 20:000 vocabulos aproximadamente

A 2.ª edição do «NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA» consta de 2 grossos volumes de cerca de 1:000 paginas cada um

A venda em todas as livrarias e na

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

de A. M. Teixeira & Comandita

Praça dos Restauradores, 20—LISBOA

NOVIDADE SENSACIONAL

Rodolpho Matin

A CUERRA AEREA De Berlim a Bagdad

Traducção de capitão Moraes Rosa

1 volume de cerca de 250 paginas com uma capa allegorica a cores, preço \$30.

PROVINCIA FRANCO DE PORTE

A venda na «A EDITORA»—Largo do Conde Barão 50, Lisboa e em todas as livrarias.

ENCYCLOPEDIA DAS FAMILIÁS

Revista de instrucção e recreio. A mais util e economica, que se tem publicado em Portugal.

Publica-se mensalmente um numero de 80 paginas em typo miúdo e elegantemente brochado, formando no fim do anno um soberbo volume de 900 paginas.

Cada anno ou 12 numeros \$00 ea Anualidade em escr pt